

INTENÇÃO EMPREENDEDORA DOS ALUNOS DO ENSINO SUPERIOR AGRÁRIO PORTUGUÊS: O CASO DA REGIÃO DO ALTO TRÁS-OS-MONTES

⁽¹⁾ Maria Isabel RIBEIRO (xilote@ipb.pt); ⁽¹⁾ António FERNANDES
(toze@ipb.pt); ⁽¹⁾ Paula CABO (paulacabo@ipb.pt) & ⁽²⁾ Alda MATOS
(alda@ipb.pt);

⁽¹⁾ Centro de Investigação de Montanha (CIMO) do Instituto Politécnico de Bragança
Campus de S. Apolónia, Apartado 1038
5301-854 Bragança – Portugal

⁽²⁾ Instituto Politécnico de Bragança

RESUMO

Conhecer a intenção empreendedora dos estudantes e analisar a percepção dos mesmos relativamente a obstáculos e a dificuldades do processo de empreendedorismo são os objetivos desta investigação. Para isso, foi levado a cabo um estudo quantitativo e transversal que teve como base a administração directa de um questionário aos alunos, de uma organização de ensino superior, durante o mês de Julho de 2010. Participaram neste estudo 269 estudantes, o que corresponde a uma taxa de resposta de aproximadamente 34%. Do total de respondentes, 69% são do género feminino e 30,7% são do género masculino. Os inquiridos têm idades compreendidas entre os 18 e os 46 e a esmagadora maioria é estudante em regime ordinário (83,9%). De acordo com os resultados, 35,2% dos respondentes gostariam de trabalhar, exclusivamente, por conta própria. A possibilidade da empresa falir é o factor que suscita maior receio na criação de um negócio próprio. A falta de apoio financeiro é apontada como a maior dificuldade ao desenvolvimento do negócio. Nestes aspectos, tendo em conta o género e as classes etárias, verifica-se que existem diferenças, estatisticamente, significativas entre o género feminino e masculino no que diz respeito, aos receios relacionados com a instabilidade no emprego, a possibilidade de falhar e a possibilidade da empresa falir, sendo a mulher a mais receosa. No que concerne à idade registam-se diferenças quanto à possibilidade de falhar, sendo os estudantes mais novos os mais receosos. Por outro lado, verifica-se a existência de diferenças, estatisticamente, significativas entre o género nas dificuldades relacionadas com o facto do processo administrativo ser complexo, a falta de competências na área da gestão, o grande risco de falhar e o clima económico desfavorável para o desenvolvimento de um negócio próprio. É de salientar que, uma vez mais, são os indivíduos do género feminino que identificam estes factores como os mais difíceis de ultrapassar. Quantos às classes etárias, os resultados provaram que independentemente da idade, as dificuldades são encaradas da mesma forma pelos inquiridos. Por fim, destacam-se como factores de sucesso no desenvolvimento do negócio próprio a qualidade quer da equipa de gestão quer da equipa técnica.

Palavras Chave: Empreender, Estudantes, Ensino superior.

1. INTRODUÇÃO

A liberalização dos postos de trabalho tornando excedente um grande número de profissionais e não absorvendo parcela significativa dos que, anualmente, se colocam à disposição das organizações, tem exigido da sociedade em geral e das organizações de ensino superior em particular, uma mudança de comportamento e competências, fazendo frente à visão tradicional de emprego (Bronosky, 2008). Cabe às instituições de ensino superior, no cumprimento da sua função de formação dos alunos, capacitá-los e estimulá-los a iniciativas empreendedoras, estimulando futuras criações de empresas que venham a gerar emprego e desenvolvimento económico. Para Hull *et al.* (1980), a identificação do potencial para empreender e o seu posterior encorajamento trará benefícios para a Sociedade. Neste contexto, foi levado a cabo uma investigação que teve como objectivos conhecer a intenção empreendedora dos estudantes e analisar a percepção dos mesmos relativamente a obstáculos e a dificuldades do processo de empreendedorismo. Para tal, foi desenvolvido um estudo quantitativo e transversal com como base na administração directa de um questionário aos alunos de uma organização de ensino superior, durante o mês de Julho de 2010. A comunicação estrutura-se em cinco secções. Assim, além desta introdução, a segunda secção apresenta uma breve fundamentação teórica procurando destacar a importância e os contributos do empreendedorismo para a economia e para a sociedade. A terceira secção constitui a parte empírica do trabalho propriamente dita, sendo nele apresentada a metodologia utilizada. Posteriormente, na quarta secção, apresentam-se os resultados e faz-se a sua discussão em duas secções. Na primeira apresenta-se a análise descritiva dos resultados e na segunda faz-se a análise comparativa. Finalmente, na quinta secção, tecem-se as considerações finais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo Binotto *et al.* (2004) ninguém nasce empreendedor, as competências empreendedoras podem ser aprendidas, desenvolvidas e aperfeiçoadas. Na opinião destes investigadores, o empreendedorismo é um fenómeno cultural fortemente relacionado com o processo educacional, capaz de impulsionar a criação de empresas voltadas para o desenvolvimento local e regional, destacando-se neste processo o papel das instituições de ensino superior. São muitas as evidências que estabelecem uma relação directa entre o grau de empreendedorismo de uma comunidade e o desenvolvimento económico local. Martens & Freitas (2008), Mazzarol *et al.* (1999) e Kristiansen & Indarti (2004) afirmam que qualquer processo de desenvolvimento económico está associado a inovações geradas por empreendedores. Para Paço *et al.* (2010), a educação em empreendedorismo promove o crescimento de novos negócios despoletando o espírito empreendedor. Uma atitude empreendedora tem como consequência a criação e inovação de negócios, de novos processos, de novos serviços que juntamente com uma gestão de conhecimento pode contribuir para uma estratégia de desenvolvimento que conjuga o crescimento de oportunidades de empregos e o aumento da produtividade (Castillo *et al.*, 2008). Wang & Wong (2004) demonstraram que a escolaridade tem uma grande influência na atitude e nas aspirações dos indivíduos. Segundo Lima *et al.* (2006), considerar a possibilidade de formação da personalidade empreendedora por meio da educação é fundamental para o fomento da educação em empreendedorismo e, em consequência, para o desenvolvimento social. Gaspar (2009) sintetiza a importância do empreendedorismo, em quatro itens. Segundo este investigador, o empreendedorismo é: a) uma importante fonte de criação de emprego; b) desempenha um papel fundamental na introdução de inovações na economia e constitui-se como o mecanismo que leva a economia a própria sociedade a evoluir e a progredir; c) uma opção de carreira para uma parte importante da força de trabalho; e, d) tem um impacto muito importante no desenvolvimento regional e no crescimento das economias. Por outro lado, segundo Kolvereid (1996), os estudantes universitários, na generalidade, consideram muito aliciante e muito atractiva a ideia de criarem e desenvolverem o seu próprio negócio. Em consequência de tudo isto, organismos internacionais, governos e instituições de ensino superior tendem cada vez mais a

promover acções e programas que impulsionam fortemente o desenvolvimento de uma cultura empresarial (Bernardes & Martinelli, 2004; Castillo *et al.*, 2008; Schmidt & Bohnenberger, 2009) e incrementam capacidades empreendedoras nos indivíduos sobre como criar e desenvolver um negócio (Paço *et al.*, 2010). Segundo Minuzzi *et al.* (2007), o fomento do empreendedorismo tem tido destaque por entidades que compreendem a disseminação da cultura empreendedora para o progresso de uma nação, designadamente, as instituições de ensino superior. A aposta das universidades e dos institutos politécnicos na promoção do empreendedorismo surge como uma oportunidade de grande potencial, dada a actual situação da economia, uma vez que o empreendedorismo qualificado apresenta-se, segundo Leite & Oliveira (2007) como uma saída profissional que pode garantir um futuro promissor. Tal como defendem Castillo *et al.* (2008), o empreendedorismo não é uma nova profissão, mas é a construção de um novo significado para a inserção profissional, uma vez que combina a necessidade de integrar o conhecimento de diferentes áreas com a experiência e a prática. O empreendedorismo é anunciado por estes investigadores como uma importante alternativa de emprego.

3. MÉTODO

Como o próprio nome indica, este ponto é dedicado à apresentação da metodologia usada para levar a cabo esta investigação, designadamente, participantes, material e procedimento. Para isso, faz-se referência à forma como a amostra foi recolhida, ao instrumento de recolha dos dados e ao tratamento estatístico dos mesmos.

Participantes

Tendo em conta que o universo em estudo é constituído por cerca de 800 alunos que frequentam os cursos de licenciatura da organização escolar que é objecto deste estudo. A amostra considera-se representativa em termos quantitativos se, segundo Cohen *et al.* (2000), for constituída por, pelo menos, 260 indivíduos. Assim sendo, recolheu-se uma amostra de 269 indivíduos que frequentam o 1º ciclo dos 8 cursos leccionados. Para que a amostra fosse representativa, em termos qualitativos, foram definidos alguns critérios de exclusão. Foram excluídos os questionários que não estavam, devidamente, preenchidos. Trata-se de uma amostra aleatória simples uma vez que, cada uma das unidades de amostragem que constituem o universo tem igual probabilidade de ser seleccionada e, consequentemente, fazer parte da amostra. Tal como mostra a tabela 1, a amostra é constituída por cerca de 69% de indivíduos do género feminino e 31% do género masculino. Apesar da desproporção, os resultados não são enviesados na medida em que, no universo em estudo, a proporção dos indivíduos do género masculino e do género feminino é similar. Os estudantes inquiridos têm idades compreendidas entre os 18 e os 46 anos, sendo a média de idade de $21,9 \pm 3,7$. A esmagadora maioria é estudante em regime ordinário (83,9%).

Tabela 1 - Género, idade e regime de frequência

Grupos	Frequência (N)	
	Relativa (%)	Absoluta (N)
Género		
Feminino	69,3	186
Masculino	30,7	83
Classes etárias		
18-21anos	62,7	169
≥ 22 anos	37,3	100
Regime		
Ordinário	83,9	226
Trabalhador estudante	5,1	14
Dirigente associativo	10,2	27
Outro	0,7	2

Material

Para a recolha dos dados foi utilizado como instrumento o Inquérito à propensão ao empreendedorismo elaborado por Rosário (2007) que é constituído por 17 questões, nomeadamente, desempenho de actividades em associações/organizações, frequência de programas de mobilidade internacional, desempenho de actividade remunerada, existência de um familiar próximo empresário, tipo de emprego que gostaria de desempenhar, sector de actividade no qual o inquirido gostaria de desempenhar a sua profissão, principais receios na criação de um negócio próprio, principais dificuldades na iniciação de um negócio, factores de sucesso na criação e desenvolvimento de um negócio, sexo, idade, estatuto do estudante e média prevista no final do curso que o inquirido está a frequentar.

Procedimento

Os dados foram recolhidos, num só momento (Julho de 2010), após obtenção de autorização para a aplicação do questionário junto do responsável da organização escolar. Trata-se, portanto, de um estudo de carácter transversal uma vez que, segundo Polit & Hungler (1995), este tipo de estudos envolve o estudo de fenómenos que se processam todos numa determinada data e que tenham ocorrido no passado ou no presente. Os participantes foram contactados, por um colaborador desta investigação, em contexto de sala de aula. Os alunos foram informados sobre a natureza e os objectivos da investigação e após garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados, foi-lhes solicitada a sua participação voluntária. O tempo total de preenchimento do questionário foi, em média, de 10 minutos.

O programa informático utilizado para editar e tratar os dados foi o SPSS 16.0 (*Statistical Package for Social Sciences*). Recorreu-se à estatística descritiva para caracterizar a amostra, nomeadamente, ao cálculo de frequências absolutas e relativas sempre que as variáveis eram nominais; e, ao cálculo de medidas de tendência central (média e mediana) e medidas de dispersão (desvio-padrão) sempre que as variáveis eram ordinais ou superiores. Para comparar os aspectos que suscitam maiores receios no desenvolvimento do próprio negócio bem como as dificuldades em iniciar um negócio entre dois grupos independentes (Género: masculino e feminino; Classe etária: 18-21 e ≥22 anos) recorreu-se ao uso de teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* (teste não paramétrico). Este teste foi usado em detrimento do teste paramétrico, *T-Student para amostras independentes*, uma vez que, quando testadas as condições de aplicabilidade destes testes, nomeadamente, a normalidade dos dados e a

homogeneidade das variâncias através do teste de *Kolmogorov-Smirnov com a correcção de Lilliefors* e do teste de *Levene*, respectivamente, verificou-se que, ao nível de significância de 5%, os dados não seguiam a distribuição normal. Nesta situação, é aconselhável o uso das alternativas não paramétricas uma vez que, na ausência de uma das condições de aplicação dos testes paramétricos, os testes não paramétricos são, segundo Maroco (2007), mais potentes.

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Neste ponto apresentam-se e analisam-se os resultados obtidos na sequência do tratamento dos dados recolhidos através do questionário aplicado aos alunos que frequentam o 1º ciclo de uma organização escolar de ensino superior. Este ponto divide-se em duas secções, na primeira apresenta-se a análise descritiva dos resultados e na segunda faz-se a análise comparativa.

Análise descritiva

Tendo em conta o tipo de emprego que o inquirido gostaria de desempenhar, pode verificar-se que 35,2% dos inquiridos gostariam de trabalhar, exclusivamente, por conta própria. No entanto, é de salientar que, a grande maioria (55,6%) optou por combinar o trabalho por conta própria e o trabalho por conta de outrem. Resultados semelhantes foram encontrados por Gaspar (2008). Segundo este investigador o fenómeno empreendedorismo em Portugal apresenta níveis baixos preocupantes, explicados em grande parte pela evolução histórica da Economia e da Sociedade mas também devido ao baixo nível de inovação e acesso ao conhecimento.

A intenção de empreender está presente em maior número no género feminino quando comparado com o género masculino (69,4% contra 30,6%), nos mais novos (67,4% contra 32,6) e nos inquiridos que gostariam de desenvolver a sua carreira profissional no sector privado (44%) (ver tabela 2).

Comparando os potenciais empreendedores (TCP) com aqueles que desejam trabalhar exclusivamente por conta de outrem (TCO), verifica-se que os potenciais empreendedores estão presentes em maior número quando se tem em conta, designadamente, o desenvolvimento de actividades associativas (32,7% contra 30,8%), a prática de uma actividade profissional remunerada (40,8% contra 38,5%), familiares próximos que são empresários (49% contra 23,1%) e, o desempenho escolar (35,3% contra 2,9%). Num estudo levado a cabo em vários países da América Latina, Dolabela *et al.* (2008) concluíram que a família tem grande influência na escolha de uma profissão como empreendedor ou empregado. Na opinião de Faleiro *et al.* (2006), a influência da educação familiar e o ambiente social representam uma parcela significativa na formação de empreendedores. Para Bohnenberger *et al.* (2007), as pessoas que possuem familiares empresários diferem na sua performance das pessoas que não têm familiares empresários. A existência de familiares empresários influencia, segundo Olmos & Castillo (2008), a atitude empreendedora de forma positiva. Por outro lado, Carvalho & González (2006) defendem que os alunos que são trabalhadores-estudantes manifestam maior propensão à criação de empresas.

Contudo, contrariamente, ao relatado na literatura, são os potenciais empreendedores que menos participaram em programas de mobilidade internacional (2% contra 15,4%). Estes resultados, na generalidade, vão ao encontro dos achados de Gaspar (2008). Contudo, a maioria das investigações desenvolvidas apontam que os potenciais empreendedores são na maioria do género masculino (Scott & Twomey, 1988; Olmos & Castillo, 2008) e têm inferior desempenho escolar (Gaspar, 2008).

Tabela 2 – Intenção de emprender

Grupos	Capacidade Empreendedora		
	Exclusivamente TCO (%)	Exclusivamente TCP (%)	TCO e TCP (%)
Género			
Feminino	61,5	69,4	70,5
Masculino	38,5	30,6	29,5
Classes etárias			
18 a 21 anos	58,3	67,4	60,5
≥ 22 anos	41,7	32,6	39,5
Actividade associação/organização			
Sim	30,8	32,7	45,6
Não	69,2	67,3	54,4
Programa mobilidade internacional			
Sim			
Não	15,4	2	5,1
	84,6	98	94,9
Actividade remunerada			
Sim	38,5	40,8	38,5
Não	61,5	59,2	61,5
Tem familiares empresários			
Sim	23,1	49	64,6
Não	76,9	51	35,4
Sector onde gostariam de trabalhar			
Privado	12	44	44
Público	8,2	32,9	58,9
Indiferente	5,9	23,5	70,6
Média final prevista			
Suficiente	12,9	37,6	49,4
Bom/Muito bom	2,9	35,3	61,8
Total	9,2	35,2	55,6

Quanto à opinião dos inquiridos relativa aos aspectos que suscitam maiores receios no desenvolvimento do negócio próprio, as respostas variaram entre 1 (nenhum receio) a 5 (muito receio), sendo o ponto médio de intervalo da resposta de 3. Como pode ver-se no gráfico 1, aspectos como a possibilidade de ir à falência (3,91), a instabilidade no emprego (3,81), a incerteza na remuneração (3,60) e a possibilidade de falhar pessoalmente (3,54) apresentam, para a maioria dos inquiridos, receio relativo alto ou muito alto. Pelo contrário, a necessidade de investir muito tempo e dinheiro com uma média de 2,97 foi o único aspecto que registou um nível de receio abaixo do moderado. Na opinião de Leite & Oliveira (2007), apesar das condições para o empreendedorismo terem vindo a melhorar progressivamente, o factor psicológico e a cultura permanece, designadamente, a aversão ao risco e o medo de falhar. Os portugueses preferem a estabilidade trabalhando por conta de outrem em vez de optarem por um negócio por conta própria.

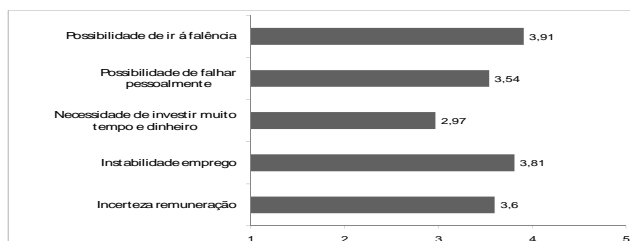


Gráfico 1 – Principais receios associados à criação do negócio próprio (média ponderada)

Relativamente ao grau de concordância com as afirmações que se referem às dificuldades em iniciar um negócio próprio, as respostas variaram entre 1 (discordo plenamente) a 5 (concordo plenamente). Tal como pode ver-se no gráfico 2, todas as afirmações registaram um nível de concordância elevado, destacando-se “a falta de apoio financeiro” que registou o nível de concordância mais elevado, com 4,18 de média. De facto, segundo Leite & Oliveira (2007), passar da ideia ao negócio requer meios de financiamento que a tornem viável sendo, por isso, uma das principais dificuldades a ultrapassar.



Gráfico 2 – Principais dificuldades encontradas na iniciação de um negócio (média ponderada)

Quanto aos factores que o inquirido considera importantes para o sucesso de uma nova empresa, as respostas variaram entre 1 (nada importante) a 5 (muito importante). Pela leitura do gráfico 3 pode constatar-se que a todos eles foi atribuído um grau de importância elevado ou muito elevado. Destacam-se factores como a qualidade da equipa de gestão e a qualidade da equipa técnica, ambos com uma média de 4,37.

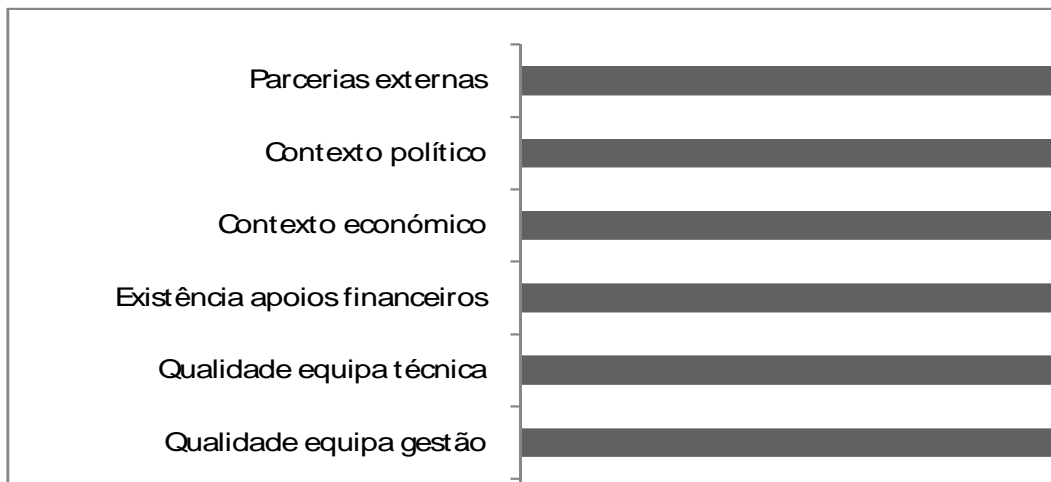


Gráfico 3 – Importância dos factores para o sucesso de uma empresa (média ponderada)

Tendo em conta que um dos objectivos das organizações de ensino superior é desenvolver programas educativos que promovam o espírito empreendedor bem como dotar os alunos de competências para a criação e desenvolvimento do próprio negócio, foram colocadas várias afirmações para os estudantes opinarem atribuindo um grau de concordância a cada afirmação sobre a sua formação actual e futura em empreendedorismo. As respostas variaram entre 1 (discordo plenamente) a 5 (concordo plenamente). Do gráfico 4 constam os resultados relativos a esta questão e, tal como pode ver-se, os estudantes apresentam um menor grau de concordância com a afirmação na qual se considera que o curso actual fornece as ferramentas e os conhecimentos essenciais para a criação e desenvolvimento do próprio negócio. Fundamentalmente, os estudantes inquiridos estão dispostos a frequentar, na própria escola, um curso em inovação e empreendedorismo direccionado para a sua área de formação. Estes resultados são consistentes com a tese defendida por Leite & Oliveira (2007) de que, em Portugal, as instituições de ensino superior ainda não assumiram uma estratégia clara que aposte no empreendedorismo qualificado. Na opinião de Castillo *et al.* (2008) a educação superior tem de dotar-se de novas ferramentas pedagógicas. Não é suficiente motivar uma nova atitude ou promover e dotar os alunos de competências empreendedoras. É fundamental passar da teoria à prática, isto é, concretizar as boas e novas ideias.

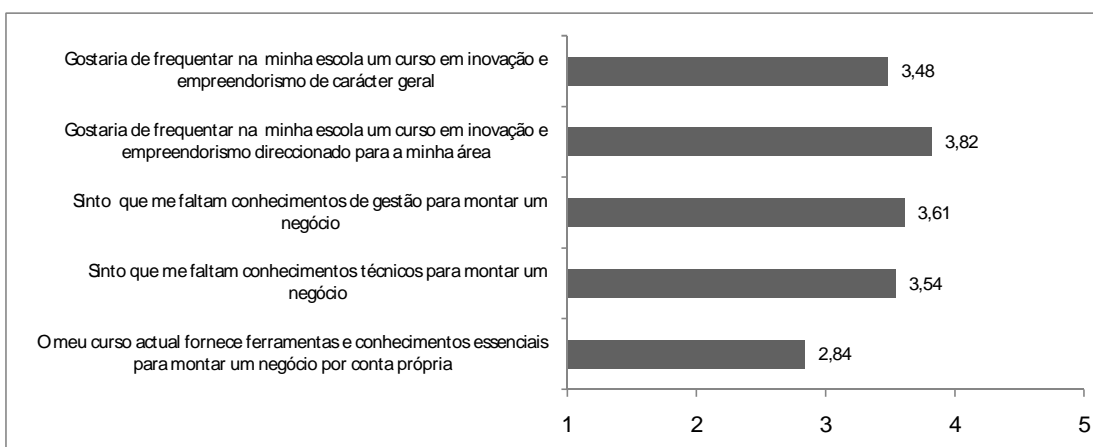


Gráfico 4 – Concordância com afirmações sobre a formação actual e futura em empreendedorismo (média ponderada)

Análise comparativa

Quando comparados os aspectos que suscitam maiores receios no desenvolvimento do próprio negócio, verifica-se que existem diferenças, estatisticamente significativas, entre o género feminino e o masculino no que diz respeito à instabilidade no emprego, possibilidade de falhar e possibilidade da empresa falir. De facto, o *output* do teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* produziu valores de prova ou probabilidades de significância (*p-value*) inferiores ao nível de significância, razão pela qual a hipótese nula ($H_0: \eta_1 = \eta_2$) deve ser rejeitada, concluindo-se pela hipótese alternativa ($H_1: \eta_1 \neq \eta_2$), ou seja, pela diferença entre medianas. Os resultados mostram, também, que é a mulher que demonstra maiores receios quando comparada com o homem, como pode ver-se na tabela 3

No que diz respeito à comparação das medianas dos principais receios na criação do próprio negócio tendo em conta classes etárias, o *output* do teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* revelou que, ao nível de significância de 5%, apenas a possibilidade de falhar registou diferenças, estatisticamente significativas, ($p\text{-value} = 0,041 < 0,05$). Este resultado evidencia o facto dos inquiridos mais novos terem maior receio de falhar (ver tabela 3).

Tabela 3 – Comparação das medianas dos principais receios na criação do próprio negócio tendo em conta o género e as classes etárias

Principais receios	Género		<i>p-value</i>	Idade		<i>p-value</i>
	Feminino	Masculino		18 a 21	≥22	
Incerteza da remuneração	3,70	3,35	0,081	3,71	3,42	0,152
Instabilidade no emprego	3,96	3,44	0,013*	3,92	3,68	0,152
Necessidade de investir muito tempo e dinheiro	2,90	3,14	0,262	2,99	2,94	0,812
Possibilidade de falhar	3,71	3,14	0,004*	3,73	3,24	0,041*
Possibilidade de ir à falência	4,19	3,28	0,000*	4	3,74	0,303

*Existem diferenças, estatisticamente significativas, para nível de significância de 5%

Na comparação das medianas das principais dificuldades na criação do próprio negócio tendo em conta o género e as classes etárias, os resultados do teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* provam existir diferenças, estatisticamente significativas, entre géneros, nos aspectos que dizem respeito ao processo administrativo complexo, à falta de competências na área da gestão, ao grande risco de falhar e ao clima económico desfavorável para o desenvolvimento de um negócio próprio. Como pode ver-se na tabela 4, é o género feminino que regista medianas mais elevadas nas dificuldades que podem ser encontradas aquando da criação do próprio negócio.

Tabela 4 – Comparação das medianas das principais dificuldades na criação do próprio negócio tendo em conta o género e as classes etárias

Principais dificuldades	Género		<i>p-value</i>	Idade		<i>p-value</i>
	Feminino	Masculino		18 a 21	≥22	
Falta de apoio financeiro	4,23	4,09	0,366	4,11	4,36	0,066
Processo administrativo complexo	3,89	3,51	0,049*	3,77	3,74	0,885
Pouca informação como o fazer	3,56	3,51	0,762	3,55	3,58	0,781
Falta de competências na área da gestão	3,48	3,12	0,032*	3,37	3,29	0,535
Falta de ideias inovadoras	3,24	2,93	0,115	3,21	3,04	0,413
Falta de apoio institucional para o fazer	3,89	3,49	0,086	3,77	3,82	0,872
Grande risco de falhar	3,90	3,05	0,000*	3,65	3,66	0,871
Clima económico desfavorável para o desenvolvimento do negócio próprio	4,08	3,58	0,014*	4,08	3,69	0,096

*Existem diferenças, estatisticamente significativas, para nível de significância de 5%

Quando comparadas as medianas das principais dificuldades na criação do próprio negócio, tendo em conta as classes etárias, o *output* do teste de *Mann-Whitney-Wilcoxon* revelou que, independentemente da idade, as dificuldades são encaradas da mesma forma pelos inquiridos (ver tabela 4).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudantes inquiridos têm idades compreendidas entre os 18 e os 46 e a esmagadora maioria é estudante em regime ordinário (83,9%). De acordo com os resultados, 35,2% dos respondentes gostariam de trabalhar, exclusivamente, por conta própria. A possibilidade do negócio falir é o factor que suscita maior receio na criação de um negócio próprio. Por seu lado, a falta de apoio financeiro é apontada como a maior dificuldade no desenvolvimento do negócio.

Comparando os aspectos que suscitam maiores receios na criação do próprio negócio e as dificuldades no desenvolvimento do mesmo, tendo em conta o género e as classes etárias, verifica-se que existem diferenças, estatisticamente, significativas entre o género feminino e masculino no que diz respeito, aos receios relacionados com a instabilidade no emprego, a possibilidade de falhar e a possibilidade de ir à falência, sendo as mulheres as mais receosas.

No que diz respeito à idade registam-se diferenças, estatisticamente, significativas relativamente à possibilidade de falhar, sendo os estudantes mais novos os mais receosos. Por outro lado, verificam-se diferenças, estatisticamente, significativas entre géneros nas dificuldades que relativas ao processo administrativo complexo, à falta de competências na área da gestão, ao grande risco de falhar e ao clima económico desfavorável para o desenvolvimento de um negócio próprio. É o género feminino que considera estes factores como dificuldades maiores.

Quanto às classes etárias, os resultados provaram que, independentemente, da idade, as dificuldades são encaradas da mesma forma pelos inquiridos. Por fim, destacam-se como factores de sucesso no desenvolvimento do negócio próprio a qualidade quer, da equipa de gestão quer, da equipa técnica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bernardes, M. & Martinelli, D. (2004). Programa de Empreendedorismo em Instituições de Ensino Superior: Reflexões a partir de algumas experiências canadenses e americanas. Revista de Negócios Blumenau, 9 (2): 117-126.
- Binotto, E, Büllau, H. & Roese, A. (2004). Empreendedorismo e a cultura empreendedora: Um estudo de caso no Rio Grande do Sul. In: Anais do XXIII ENANPAD. Salvador, BA: ANPAD, 2004.
- Bohnenberger, M. Schmidt, S. & Freitas, E. (2007). A influência da família na formação empreendedora. In Anais do Encontro da ANPAD; Rio de Janeiro, 2007.
- Bronosky, M. (2008). A intenção empreendedora no ambiente universitário: caso unicentro. Revista Capital Científico, Guarapuava, 6 (1): 245-260.
- Carvalho, P. & González, L. (2006). Modelo explicativo sobre a intenção empreendedora. Comportamento Organizacional e Gestão, 12 (1): 43-65.
- Castillo, P., Venegas, C., Leiva, Y., Bennett, S., Ortiz, E. & Neto, B. (2008). Una Innovación pedagógica para la formación de universitarios emprendedores. Rev. FAE, Curitiba, 11 (2): 113-126.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K. (2000). Research: Methods in Education, 5th Edition, London: Routledge.
- Dolabela, F., Santos, P. & Dantas, A. (2008). A influencia da cultura familiar no despertar da intenção empreendedora em empresarios iberoamericanos. In anais XIX Congresso Latinoamericano Y del Caribe Sobre Espiritu Empresarial, Brasil.
- Gaspar, F. (2007). O fomento do empreendedorismo através do capital de risco e da incubação de empresas. In Actas do 2º Congresso dos Economistas. Centro de Congressos de Lisboa, 11 de Outubro de 2007.
- Gaspar, F. (2008). Why people do not want to be entrepreneurs? A study of entrepreneurial intentions among university students using statistical comparisons between samples. In Actas da JOCLAD 2008, XV Jornadas Anuais da Associação de Classificação e Análise de Dados, 27 a 29 de Março de 2008. Escola Superior de Ciências Empresariais do Instituto Politécnico de Setúbal.
- Gaspar, F. (2009). The importance of entrepreneurship competitions to spread entrepreneurship spirit and to support startup creation - a survey in Portugal. In Actas do 15º Congresso da APDR (Associação Para o Desenvolvimento Regional). Cidade da Praia, Cabo Verde, 11 de Julho de 2009.
- Hull, D., Bosley, J. & Udell, G. (1980). Renewing the hunt for the heffalump: identifying potencial entrepreneurs by personality characteristics. Journal of Small Business Management, 18(1).11-18.
- Kolvereid, L. (1996). Prediction of employment status choice intentions. Entrepreneurship Theory and Practice, 20 (3). 47-56.
- Kristiansen, S. & Indari, N. (2004). Entrepreneurial intention among Indonesian and Norwegian students, Journal of Entreprising Culture, 12(1): 55-78.
- Leite, A. & Oliveira, F. (2007). Empreendedorismo e novas tendências. EDIT VALUE: Consultadoria Empresarial. Universidade do Minho. Braga, Portugal.
- Lima, M., Santos, S., & Dantas, A. (2006). Propensão ao empreendedorismo dos alunos do ensino fundamental: um estudo comparativo com alunos do 7º e 8 séries entre instituições de ensino municipais e privadas de Maceió. In Anais Encontro da ANPAD, Salvador. CD ROM.
- Maroco, J. (2007). Análise Estatística com utilização do SPSS, Lisboa: Edições Sílabo.
- Martens, C. & Freitas, H. (2008). Influência do empreendedorismo nas intenções de direccionamento profissional dos estudantes. Estudo & Debate, Lajeado, 15: 71-95.

- Mazzarol, T., Volery, T., Doss, N. & Thein, V. (1999). Factors influencing small business start-ups: a comparison with previous research. International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, 5(2): 48-63.
- Minuzzi, J., Santos, P., Lezana, A. & Filho, N. (2007). Intenção empreendedora em alunos de Engenharia de Produção: Uma análise com uso de regressão logística. In actas do XXVII de 2007.
- Olmos, R. & castillo, M. (2008). Factores explicativos sobre la actitud emprendedora de los estudiantes universitários de la comunidad de Madrid Espanã. In anais XIX Congreso Latinoamericano Y del Caribe sobre Espiritu Empresarial. Brasil.
- Paço, A., Ferreira, J., Raposo, M., Rodrigues, R. & Dinis, A. (2010). Universities`s entrepreneurship education and regional development: a stakeholders`approach. Universidade da Beira Interior.
- Polit, D. & Hungler, P. (1995). Fundamentos de Pesquisa. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rosário, A. (2007). Propensão ao empreendedorismo dos alunos finalistas da Universidade do Porto. Tese de mestrado em Inovação e Empreendedorismo Tecnológico. Faculdade de Engenharia, Universidade do Porto. Porto, Portugal.
- Faleiro, S., Salvi, E., Marmitt Pereira, C.; Bender A.;Dalmoro, M. (2006). Comportamento Empreendedor dos Proprietários de Micro e Pequenas Empresas. In: XXIV Simpósio de Gestão da Inovação Tecnológica, Gramado.CD-ROM.
- Schmidt, S. & Bohnenberger, M. (2009). Perfil Empreendedor e Desempenho Organizacional. RAC, Curitiba, 13 (3): 450-467.
- Scott, M. & Twomey, D. (1988). Te long-term supply of entrepreneurs: students`s career aspirations in relation to entrepreneurship. Journal of Small Business Management, 26(4): 5-13.
- Wang, C. & Wong, P. (2004). Entrepreneurial interest of university student in Singapore. Technovation, 24: 163-172.